

MOBILIDADE ESPACIAL E A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO NORTE FLUMINENSE: UMA ANÁLISE DOS MOVIMENTOS PENDULARES NA DÉCADA DE 2000

Jéssica Monteiro da Silva Tavares¹

Érica Tavares da Silva²

Resumo

Este artigo aponta a relevância de considerar, no campo dos estudos urbanos e regionais, a localização da população e os processos de mobilidade espacial como componentes significativos da constituição do espaço urbano. Entre os processos de mobilidade espacial, destacamos o papel dos movimentos pendulares para trabalho que, ao mesmo tempo em que são impulsionados pela dinâmica da economia e pela oferta de postos de trabalho, também exercem considerável impacto sobre a organização das cidades que experimentam uma elevada integração na escala regional. O objetivo deste trabalho é analisar a distribuição da população e os padrões de movimentos cotidianos para trabalho na Região Norte Fluminense nos anos 2000. É um trabalho exploratório-descritivo com o propósito de suscitar elementos para compreender as mudanças na dinâmica regional do Norte Fluminense. Através da exploração de dados censitários de 2000 e 2010 sobre distribuição e crescimento populacional, movimentos migratórios e pendulares, buscamos traçar um quadro da dinâmica populacional regional, especialmente na sua relação com as transformações no mercado de trabalho. Os resultados indicam um aumento expressivo do movimento pendular na região, ainda muito relacionado à dinâmica da indústria petrolífera.

Palavras-chave: Movimento pendular, Região Norte Fluminense, mercado de trabalho.

¹ Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF Campos) e Professora de Geografia (Escola Municipal Victor Sence) / jessicamonteiro27@yahoo.com.br.

² Professora do Programa de Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades da Universidade Candido Mendes (UCAM-Campos), Pesquisadora do INCT Observatório das Metrôpoles (IPPUR/UFRJ) e Doutora em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) / ericatavs@hotmail.com.

Introdução

Vários autores e estudos revelaram como, nas últimas décadas do século XX, o estado do Rio de Janeiro passou por um declínio econômico e uma crise social. As mudanças econômicas dos anos 1980, com a erosão da aliança desenvolvimentista e a ausência de um projeto nacional – em que o País passou por ciclos de crescimento e estagnação – trouxeram consequências muito desfavoráveis para o Estado, pois essa instabilidade permaneceu durante o começo dos anos 1990, com crescimento econômico bastante reduzido e inconstante. As iniciativas liberalizantes dos anos 1990 fizeram retroceder ainda mais as políticas nacionais de desenvolvimento, gerando um contexto macroeconômico bastante desfavorável ao crescimento econômico e um grau elevado de incerteza para a realização de investimentos. Como muitos autores destacaram, não foi só um período de “reestruturação produtiva”; as empresas passaram por uma grande “racionalização organizacional defensiva” (BRANDÃO, 2007). É claro que toda esta reorganização da economia, aliada ainda ao processo de desconcentração das atividades econômicas (CANO, 2008), produziu sérios impactos nas condições sociais, no acesso ao mercado de trabalho e na reprodução das desigualdades sociais especialmente na metrópole fluminense, também difundindo-se por todo o território do estado.

Aliado a esse quadro econômico nacional e estadual, a região norte do estado do Rio de Janeiro, já desde os anos 1970, também apresentava um contexto de dificuldades econômicas com a decadência, especialmente, da agroindústria do açúcar, quando a região perdeu sua posição de grande produtora por não ter acompanhado as transformações tecnológicas modernizantes introduzidas no setor no plano nacional. Nesse contexto, os municípios da região enfrentavam uma estagnação econômica, queda da produtividade, desemprego e até aumento da pobreza e deslocamentos do campo para as periferias das cidades da região (PIQUET, 2010, p. 80).

Na década de 1970, entretanto, foram descobertos os primeiros poços de petróleo na Região Norte Fluminense e, no seu decorrer, foi sendo iniciada a produção petrolífera, que alavancou um processo de crescimento econômico, levando a mudanças intensas na dinâmica populacional, espacial e de localização

das atividades produtivas, assim como nas rendas petrolíferas auferidas pelos municípios (SILVA, 2006). Como apontou Piquet (2003), “de região protegida pelo Estado-nacional desenvolvimentista brasileiro no período da agroindústria do açúcar e ‘fechada’ por sua elite, [a região norte do Estado do Rio de Janeiro] sofre um processo de ruptura com seu passado quando da descoberta de petróleo em seu litoral. Vê-se então inserida em um mundo globalizado, complexo, rico e pouco afeito ao local. Suas lideranças veem com esperança e temor as mudanças que chegam. Esperança pelas novas perspectivas que se abriam e temor, talvez, por pressentirem que não sendo um capital local, como na época das usinas, o controle sobre o destino regional seria um jogo mais difícil de ser jogado” (PIQUET, 2003, p. 4-5).

De lá para cá, mudanças expressivas ocorreram na dinâmica populacional no Norte Fluminense. Apesar de muitas transformações, no perfil demográfico e nos processos de mobilidade populacional, estarem ocorrendo em todo o Brasil, percebe-se no norte do Estado do Rio que algumas transformações estão atreladas às transformações recentes em suas atividades econômicas ligadas direta ou indiretamente à atividade petrolífera, o que também produziu reflexo no mercado de trabalho e na distribuição da população entre as ocupações.

Já o estado do Rio de Janeiro, de maneira geral, permaneceu, durante as últimas décadas do século passado, numa condição de marginalização em relação a outras áreas que se tornaram mais dinâmicas no próprio sudeste do País. Entretanto, mais recentemente, o estado vive novas perspectivas em relação à dinâmica econômica, ao mundo dos negócios e aos discursos sobre a estruturação do espaço urbano diante da realização dos megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo, em 2012, e as Olimpíadas, em 2016. Acrescente-se a isso alguns investimentos realizados na metrópole fluminense, como o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) – grande empreendimento da Petrobras, as obras do Porto Maravilha, a construção do Arco Metropolitano. Enquanto isso, o Norte Fluminense prossegue com o desenvolvimento das atividades petrolíferas na região, localizadas, principalmente, no município de Macaé. Mais recentemente, também tem experimentado transformações socioespaciais e econômicas devido à implantação do Complexo Industrial Porto do Açú, no município de São João da Barra. Essas atividades também acarretam mudanças na dinâmica econômica,

populacional, de mercado de trabalho e de moradias nos municípios da região. Especialmente, o município de Campos dos Goytacazes, justamente por estar entre esses municípios anteriores e por apresentar maior diversidade de serviços e infraestrutura, recebe expressivos impactos em termos de atividades de comércio, serviços e imobiliárias em decorrência dessas mudanças recentes. Isso fica evidente pelos deslocamentos pendulares frequentes entre municípios da região e até com a metrópole do Rio de Janeiro, como já indicado por SILVA (2008).

Como já tratado por PIQUET (2010); PIQUET e TERRA (2011), esses grandes projetos de investimento, como as atividades petrolíferas e portuárias, tendem a provocar enormes mudanças no território onde se desenvolvem, mesmo tendo uma escala de abrangência do local ao global. São atividades que trazem grandes perspectivas de desenvolvimento regional tanto por parte da população como por parte das administrações públicas locais. Ao mesmo tempo em que promovem diversificação das atividades produtivas, geração de empresas, criação de empregos, compensações financeiras às administrações públicas, trazem, também, aumento das desigualdades socioespaciais; novas articulações políticas; mudanças na composição do emprego, com dificuldades de inserção para os menos qualificados; transformações na organização do território; entre outros aspectos. Portanto, essas atividades têm uma implicação imediata na escala local, mas também apresentam relação com o desenvolvimento econômico regional no estado.

A pergunta que logo se coloca é sobre como esses grandes investimentos têm impactado e ainda vão impactar a estruturação urbana das cidades do estado do Rio de Janeiro. Tal pergunta já tem sido levantada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, assim como por representantes da sociedade civil organizada. No caso da Região Norte Fluminense, questiona-se como a presença desses grandes empreendimentos já constituídos, e ainda por se concretizar, poderá atuar em favor de um desenvolvimento econômico e social sustentável. Essas questões são de suma importância, não apenas para refletir sobre o contexto atual mas também para pensar e atuar sobre os rumos que a região tende a percorrer num futuro próximo, e quais as perspectivas para um futuro a médio e longo prazos. Como proposta de pesquisa, esse contexto econômico regional e estadual é muito importante, mas a questão principal que colocamos visa a responder como a sociedade é afetada por essas transformações, como o espaço se reorganiza

internamente e, principalmente, neste artigo, como a população responde através de suas trajetórias de mobilidade espacial a essas mudanças, muito relacionadas ao mercado de trabalho, e como esses movimentos modificam e impactam a estrutura urbana das cidades. Dentro dessa proposta de pesquisa, esse trabalho tem em vista incorporar elementos empíricos para a análise da dinâmica populacional regional atrelada às transformações sociais, políticas e econômicas recentes no Norte Fluminense.

Aspectos Conceituais da Dinâmica Territorial e Movimentos Pendulares

De acordo com LE BRAS (2002, apud JARDIM, 2011, p. 59), o termo mobilidade corresponde a toda mudança de lugar realizada pelas pessoas, que pode referir-se a um deslocamento de casa ao trabalho, por exemplo, durante um determinado tempo – o que se denomina movimento pendular (*commuting*) – de uma semana, um mês, vários meses. Pode-se, também, falar de mudança de residência definitiva, sem voltar para o lugar de origem. A isso, chama-se migração ou mobilidade residencial no interior do município de residência.

Cabe ressaltar que *migração* é diferente de *movimento* (ou *deslocamento*) *pendular*. Migração implica mudança de residência, enquanto movimento pendular se refere ao deslocamento frequente da população (de caráter temporário) entre o município de residência e o município de trabalho ou estudo.

Para analisar as mudanças no ritmo de crescimento da população, é necessário compreender os termos demográficos que influenciam esta dinâmica. Segundo GOLGHER (2004), existem três componentes da dinâmica populacional: a fecundidade, a mortalidade e a migração. Das três, a migração é a mais difícil de definir. Para ele, a migração pode ser definida como “uma mudança permanente de local de residência”, mas essa definição é muito ampla. Uma definição mais precisa, ainda segundo este autor é a seguinte: “migrante é o indivíduo que morava em um determinado município e atravessou a fronteira deste município indo morar em outro distinto”. Também pretendemos analisar esse componente na região.

Já, para SANTOS (1997), a migração pode ser definida como “o movimento da população pelo espaço”. Esse movimento relaciona-se com as transformações econômicas, sociais e políticas que ocorrem nos diferentes lugares. Por isso, o seu

significado e suas motivações variam tanto no tempo como no espaço. Torna-se pertinente analisar o conceito de “movimento pendular”, que está vinculado a uma das linhas tradicionais de pesquisa em Geografia Urbana: a identificação de áreas de influência ou regiões funcionais.

Nesse sentido, Adan, D’Arcier e Raux (1994, *apud* Moura; Branco; Firkowski, 2005, p. 122) afirmam que o conceito de mobilidade refere-se à vida cotidiana do indivíduo. Para os autores, a mobilidade pendular pode ser entendida num sentido amplo como “[...] conjunto de deslocamentos que o indivíduo efetua para executar os atos de sua vida cotidiana (trabalho, compras, lazer)”. PEREIRA (2009) também discute sobre a definição do IBGE, nos censos demográficos, afirmando que o deslocamento pendular é:

aquele que uma pessoa realiza entre seus locais de residência e de trabalho/estudo, quando estes se localizam em municípios distintos. A operacionalização realizada pelo IBGE não entra em detalhes sobre a frequência desses deslocamentos e desconsidera o meio de transporte utilizado na viagem, a distância percorrida ou o seu custo monetário e de tempo. (PEREIRA 2009, p.9)

Esse tipo de deslocamento aparece nos trabalhos acadêmicos com diferentes termos. MOURA et al. (2005) apontam que os conceitos de migração e deslocamentos pendulares são diferentes: “enquanto a migração envolve mudança de residência, os deslocamentos pendulares caracterizam-se por deslocamentos entre o município de residência e outros municípios, com finalidade específica.

No Censo Demográfico de 2010, o IBGE incorporou novas perguntas ao questionário sobre a investigação dos movimentos pendulares, separada por motivo de trabalho e estudo. A partir das perguntas “Em que município e unidade da Federação ou país estrangeiro frequenta escola (ou creche)?” e “Em que município e unidade da Federação ou país estrangeiro trabalha?”, torna-se possível obter a distribuição dos trabalhadores e estudantes que se deslocam entre municípios. No nosso caso, trabalharemos com os movimentos para trabalho.

Transformações Territoriais, Econômicas e Populacionais na Região Norte Fluminense

Pode-se dizer que a formação econômica do Norte Fluminense passou por três ciclos de crescimento econômico, conforme apontam SILVA E CARVALHO (2004, p. 27-28):

O primeiro ocorrido no século XIX (1880-1890), que foi impulsionado pela produção açucareira com base nas usinas a vapor; o segundo, que se definiu na primeira metade do século XX (1920-1960), determinado pelos investimentos que contribuíram para a consolidação do parque industrial sucroalcooleiro da região, com plantas de grande porte e economia de escala; e o terceiro grande ciclo expansivo, que se iniciou no final do século XX, impulsionado pelos investimentos da indústria petrolífera na Bacia de Campos.

A agroindústria açucareira sempre centralizou a economia da região durante o século XIX, porém começou a apresentar sinais de declínio, no final do mesmo século, quando vários acontecimentos alteraram a configuração da região. Um dos mais importantes foi a abolição da escravatura em 1888. Neste período, que tinha como base o modelo mercantil escravista, os grandes engenhos dependiam do trabalho dos escravos, portanto, com o processo de abolição, a região se viu sem a sua força produtiva. Neste mesmo período, a região vivenciou a desintegração de seu espaço geoeconômico e geopolítico, alterando o espaço territorial com a criação de novos municípios: Macaé (1846), São João da Barra (1850), São Fidélis (1870) e Itaperuna (1889). Campos dos Goytacazes, em 1819, compreendia todo território que se define, atualmente, como as Regiões Norte e Noroeste Fluminenses. Esta perda de território acarretou na redução das arrecadações, diminuição de investimentos e redução na influência do setor público. Ocorreram, no mesmo período, o declínio do café e a perda de competitividade em relação a outras regiões sucroalcooleiras.

No ano de 1978, inicia-se a exploração do petróleo na Bacia de Campos, o que reacende no ideário da população, a expectativa de que novos “anos de ouro” na economia campista estão por vir. Simultaneamente, a Região Norte Fluminense, a partir do fim da década de 1980, passa por um novo processo de reordenamento territorial, que resulta na criação de quatro novos municípios: Quissamã (emancipado de Macaé em 1990), Conceição de Macabu (emancipado de Campos

em 1993), Carapebus (emancipado de Macaé em 1997) e São Francisco do Itabapoana (emancipado de São João da Barra em 1997).

Portanto, cronologicamente, podem-se destacar duas importantes fases da economia da Região Norte Fluminense: a indústria sucroalcooleira e a indústria petrolífera. A inserção da indústria petrolífera representa uma nova dinâmica do desenvolvimento do Norte Fluminense, principalmente quando se trata de mão de obra, pois a região transitou da monocultura canavieira, que exige baixa qualificação de mão de obra, para uma atividade econômica que utiliza tecnologia de ponta, exigindo, portanto, alta qualificação profissional. Essa dinâmica influencia os fluxos populacionais para a região.

Em termos de distribuição populacional, a população do estado do Rio de Janeiro está bastante concentrada na Região Metropolitana, sendo que o ritmo de crescimento de outras regiões, como as Baixadas, o Norte e o Sul Fluminense, tem sido muito mais intenso do que o crescimento populacional da metrópole.

No final do século XX, como afirmamos anteriormente, ocorreram mudanças expressivas na população do Norte Fluminense, atreladas às transformações recentes de suas atividades econômicas ligadas à atividade petrolífera. Supõe-se que a dinâmica da redistribuição espacial da população em direção à Bacia de Campos seja efetuada seguindo escalas geográficas variadas, migrações campo-cidade em escala regional, por exemplo, fluxos inter-regionais, fluxos de profissionais de média e alta qualificação, brasileiros e estrangeiros. No Norte Fluminense, o desenvolvimento do setor petrolífero contribuiu para acelerar a urbanização, ou seja, a indústria do petróleo acarreta novos padrões demográficos que contribuem para dinamizar o êxodo rural.

Além da expressiva relação entre Campos dos Goytacazes – tradicionalmente o polo da região – e Macaé, pode-se destacar também o processo de interligação das áreas urbanas entre as cidades de Macaé e Rio das Ostras. Por sua proximidade geográfica, a cidade de Rio das Ostras se tornou um *continuum* de Macaé, que é, atualmente, o polo regional do complexo petrolífero. Este produziu, dentre os principais impactos, um vertiginoso crescimento demográfico nos municípios ao redor. Deu-se, assim, um conseqüente adensamento da malha urbana, que acarretou uma pressão sobre sua infraestrutura, além de sobrecarregar o sistema viário (principalmente a BR 101). A expansão da cidade de Macaé vai em

direção ao sul do estado, ao longo do litoral, pela região das Baixadas Litorâneas, principalmente por Rio das Ostras, em direção ao município do Rio de Janeiro. Rio das Ostras fica na divisa com Macaé e recebe os prós e contras do complexo petrolífero, funcionando, por exemplo, como cidade dormitório, local de moradia de pessoas que trabalham em Macaé. Segundo dados do IBGE, foi a cidade que mais cresceu no Brasil, de 2000 para 2010 (190,2%), porém, não faz parte da Mesorregião Norte Fluminense (recorte que estamos utilizando neste texto), o que nos leva a sugerir a importância de incorporar novos delineamentos territoriais, que contemplem os processos de expansão urbana.

Os municípios que mais cresceram, na década de 2000, no Norte Fluminense foram Macaé, Carapebus e Quissamã, fato que evidencia a influência da atividade petrolífera no crescimento populacional, uma vez que é no município de Macaé que se encontram as instalações físicas da Petrobrás. Com sua dinâmica, afetam diretamente os municípios vizinhos, principalmente Carapebus e Quissamã, os quais se tornaram “cidades-dormitório” dos trabalhadores ligados à cadeia produtiva do petróleo.

A concentração urbana do município de Macaé é a maior da região, apresentando um grau de urbanização (percentagem da população da área urbana em relação à população total) que se aproxima dos 100% (tabela 1). Campos permanece com um quadro praticamente estável de entrada de pessoas. Embora seja o maior município da região em termos populacionais e territoriais, Campos vem perdendo população através da migração nas últimas décadas, contrariando a perspectiva difundida no cenário social e político local de uma “explosão populacional na cidade”, em função das atividades petrolíferas e portuárias na região. Estas perspectivas consideram que, embora os investimentos diretos estejam em Macaé e, mais recentemente, em São João da Barra, Campos possui infraestrutura urbana, oportunidades de educação e serviços de saúde mais proeminentes que outros municípios da região, por isso os trabalhadores com melhores condições socioeconômicas que se dirigem para a região vão para tal município. Como as atividades portuárias ainda são recentes, seu impacto deverá ser avaliado com cuidado nos próximos anos. De qualquer forma, apesar do saldo migratório negativo haver diminuído, a saída de pessoas do município de Campos ainda é maior do que a chegada de imigrantes de outros municípios.

Tabela 1 – Região Norte Fluminense: População, Crescimento e Urbanização (2000-2010)

| Município | 2000 | | 2010 | | Tx. Cresc. 2000/2010 | Grau de Urbanização | |
|--------------------------|------------|-------|------------|-------|-------------------------|---------------------|------|
| | Pop. | (%) | Pop. | (%) | | 2000 | 2010 |
| Carapebus | 8.666 | 1,2 | 13.359 | 1,6 | 4,4 | 79,3 | 78,9 |
| Campos dos Goytacazes | 406.989 | 58,2 | 463.731 | 54,6 | 1,3 | 89,5 | 90,3 |
| Cardoso Moreira | 12.595 | 1,8 | 12.600 | 1,5 | 0,0 | 63,8 | 69,5 |
| Conceição de Macabu | 18.782 | 2,7 | 21.211 | 2,5 | 1,2 | 88,1 | 86,5 |
| Macaé | 132.461 | 19,0 | 206.728 | 24,3 | 4,6 | 95,1 | 98,1 |
| Quissamã | 13.674 | 2,0 | 20.242 | 2,4 | 4,0 | 56,3 | 64,2 |
| São Franc. de Itabapoana | 41.145 | 5,9 | 41.354 | 4,9 | 0,1 | 46,7 | 51,0 |
| São Fidélis | 36.789 | 5,3 | 37.543 | 4,4 | 0,2 | 72,1 | 79,1 |
| São João da Barra | 27.682 | 4,0 | 32.747 | 3,9 | 1,7 | 70,9 | 78,5 |
| Total RNF | 698.783 | 100,0 | 849.515 | 100,0 | 2,0 | 85,1 | 88,1 |
| Estado RJ | 14.392.092 | 4,9 | 15.989.929 | 5,3 | 1,1 | 96,0 | 96,7 |

Fonte: Microdados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Quanto aos movimentos migratórios em Macaé, de 2005 a 2010, o número de pessoas que foi residir no município aumentou em mais de 10 mil em relação ao período de 1995 a 2000. Interessante notar que, embora aumente esse valor, em termos relativos, a proporção de migrantes em Macaé é semelhante, cerca de 14,5%. Tanto em 2000 quanto em 2010, o município apresenta o maior saldo migratório da região, que mede a contribuição das migrações ao incremento populacional do período. Verifica-se, nesse município, o oposto ao que acontece em Campos: em Macaé, a chegada de imigrantes de outros municípios é maior do que a saída de pessoas do local (emigrantes). Já, com relação à taxa líquida de migração (que é o saldo dividido pela população de 5 anos ou mais – expressando a contribuição do saldo na população), verifica-se que é maior somente em 2000 (8,5), perdendo a posição, em 2010, para o município de Carapebus, que apresentou uma taxa de 11,9, contra a taxa de 7,1 de Macaé.

Carapebus apresenta a maior taxa migratória líquida, o que significa que, em termos relativos, o município tem crescido consideravelmente pela migração. Esse fato pode ser explicado pela proximidade geográfica de Carapebus com o município de Macaé (onde se localizam as instalações físicas da Petrobras) que, como afirmado anteriormente, atrai populações de toda a região, causando impacto

inclusive nos municípios vizinhos. Carapebus, assim como Rio das Ostras, funciona como “cidade dormitório”, servindo, tipicamente, de moradia aos trabalhadores da indústria petrolífera.

O município de São Fidélis, juntamente com Campos, diminui a taxa migratória líquida (passam a perder menos população pela migração). Cardoso Moreira, que juntamente com Campos e São Fidélis eram os municípios que perdiam população pela migração, passa a ficar com taxa quase zero, indicando uma estabilidade populacional.

Tabela 2 – Movimentos Migratórios da Região Norte Fluminense – 2000/2010

| 2000 | | | | | | |
|--------------------------|------------|------|------------|-----|---------|------|
| Município | Imigrantes | (%) | Emigrantes | (%) | Saldo | Taxa |
| Carapebus | 844 | 10,7 | 282 | 3,6 | 563 | 7,1 |
| Campos dos Goytacazes | 11.540 | 3,1 | 21.412 | 5,8 | (9.873) | -2,7 |
| Cardoso Moreira | 721 | 6,2 | 983 | 8,4 | (262) | -2,2 |
| Conceição de Macabu | 1.458 | 8,6 | 1.389 | 8,2 | 69 | 0,4 |
| Macaé | 17.381 | 14,5 | 7.179 | 6,0 | 10.202 | 8,5 |
| Quissamã | 1.035 | 8,4 | 567 | 4,6 | 468 | 3,8 |
| São Franc. de Itabapoana | 2.093 | 5,6 | 785 | 2,1 | 1.308 | 3,5 |
| São Fidélis | 1.879 | 5,5 | 3.222 | 9,5 | (1.343) | -4,0 |
| São João da Barra | 2.010 | 7,9 | 1.829 | 7,2 | 181 | 0,7 |
| 2010 | | | | | | |
| Município | Imigrantes | (%) | Emigrantes | (%) | Saldo | Taxa |
| Carapebus | 1.869 | 15,1 | 396 | 3,2 | 1.473 | 11,9 |
| Campos dos Goytacazes | 12.206 | 2,8 | 18.640 | 4,3 | (6.434) | -1,5 |
| Cardoso Moreira | 626 | 5,3 | 612 | 5,2 | 14 | 0,1 |
| Conceição de Macabu | 1.236 | 6,3 | 963 | 4,9 | 273 | 1,4 |
| Macaé | 27.995 | 14,7 | 14.353 | 7,5 | 13.642 | 7,1 |
| Quissamã | 1.893 | 10,0 | 577 | 3,1 | 1.317 | 7,0 |
| São Franc. de Itabapoana | 2.230 | 5,8 | 1.408 | 3,7 | 822 | 2,1 |
| São Fidélis | 1.445 | 4,1 | 1.700 | 4,8 | (254) | -0,7 |
| São João da Barra | 2.893 | 9,4 | 864 | 2,8 | 2.029 | 6,6 |

Fonte: Microdados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Em linhas gerais, a Região Norte Fluminense passa a atrair mais pessoas, especialmente pela influência exercida por Macaé. Se somarmos os imigrantes, na região, nos dois períodos, independentemente dos movimentos internos na própria região, havia cerca de 38 mil imigrantes em 2000, elevando-se, em 2010, para cerca de 52 mil. Já com relação aos emigrantes, em 2000, havia cerca de 37 mil, enquanto

que, em 2010, foram registrados 39 mil emigrantes, revelando um t nuo aumento de 2 mil pessoas que deixam seu local de origem com inten o de se estabelecer em outro.

Os Movimentos Pendulares na Região Norte Fluminense nos Anos 2000

Diante das mudanças experimentadas pela Região Norte Fluminense na sua organiza o territorial e econômica, a dinâmica da popula o também veio sofrendo mudanças expressivas, como visto nas se oes acima. Tais transforma oes também afetaram enormemente o mercado de trabalho regional, aumentando tanto a popula o ocupada na região quanto o quantitativo de pessoas que se dirige para seus municípios para trabalhar, mesmo não residindo. Nesse sentido, embora seja uma região com menos de 1 milhão de habitantes, o movimento pendular pode ser considerado expressivo.

Em toda a Região Norte Fluminense, existem pessoas que residem e trabalham no mesmo município (a maioria), mas existem, também, aquelas que realizam os movimentos pendulares, saindo e entrando em município diferente ao de sua residência para trabalhar. Ao analisar cada município, particularmente, verifica-se que, na década de 2000, todos registram aumento no percentual de saídas para trabalho, com destaque para Carapebus, com o maior  ndice de saída (tabela 3). Ou seja, embora permanecendo com valores de entrada reduzidos, se comparados com outros municípios como Campos e Macaé, todos os demais experimentaram algum aumento na entrada de pessoas para trabalho. Por exemplo, em São Francisco do Itabapoana, praticamente triplicou o número de pessoas que entram para trabalho. Isso indica que o aumento do movimento pendular abrange todos os municípios, mesmo que em níveis distintos.

O município de Macaé possui uma intensa moviment o de pessoas para trabalho, atraindo um grande contingente populacional em busca de vagas no mercado de trabalho da indústria petrolífera. Esse fato pode ser ratificado com a análise da tabela a seguir, na qual percebe-se que Macaé é o município que mais recebe trabalhadores, com um total expressivo de 52.000 pessoas (em 2010), que entram no município em busca de trabalho, o maior contingente de entrada da Região Norte Fluminense. Se pensarmos que o município possui cerca de 200 mil habitantes, imagina-se que é aproximadamente 1/4 a mais de sua própria popula o

que entra no município, frequentemente, para trabalhar. É importante notar ainda que, durante a primeira década deste século, praticamente duplicou o número de pessoas que reside e trabalha no próprio município de Macaé (de pouco mais de 54 mil para cerca de 100 mil pessoas). Somadas às que para lá se dirigem para trabalhar, essa dinâmica certamente apresenta expressivos impactos na organização da cidade, especialmente no que se refere às condições de mobilidade urbana – ou seja, impõe sérios desafios ao planejamento urbano.

Tabela 3 – Movimentos pendulares para trabalho na Região Norte Fluminense – 2000/2010

| Municípios | Residem e Trabalham no Município | | Saída para Trabalho | | Entrada para Trabalho | |
|-----------------------------|----------------------------------|---------|---------------------|--------|-----------------------|--------|
| | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 |
| Carapebus | 2.870 | 3.604 | 541 | 2.458 | 267 | 281 |
| Campos dos Goytacazes | 144.874 | 173.998 | 5.598 | 12.734 | 6.297 | 9.613 |
| Cardoso Moreira | 3.987 | 3.979 | 524 | 817 | 114 | 307 |
| Conceição de Macabu | 5.218 | 6.282 | 1.851 | 3.418 | 135 | 304 |
| Macaé | 54.379 | 100.153 | 1.032 | 2.576 | 15.636 | 52.000 |
| Quissamã | 4.068 | 7.198 | 643 | 1.414 | 262 | 670 |
| São Francisco de Itabapoana | 14.670 | 14.326 | 501 | 1.479 | 273 | 753 |
| São Fidélis | 12.775 | 13.568 | 1.006 | 2.166 | 126 | 260 |
| São João da Barra | 9.102 | 12.723 | 1.104 | 1.688 | 363 | 1.584 |
| Total (100%) | 251.943 | 335.831 | 12.800 | 28.751 | 23.473 | 65.772 |

Distribuição Percentual do Movimento Pendular - 2000/2010

| Municípios | Residem e Trabalham no Município (%) | | Saída para Trabalho (%) | | Entrada para Trabalho (%) | |
|--------------------------|--------------------------------------|------|-------------------------|------|---------------------------|------|
| | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 |
| Carapebus | 84,1 | 59,3 | 15,9 | 40,4 | 7,8 | 4,6 |
| Campos dos Goytacazes | 96,3 | 93,1 | 3,7 | 6,8 | 4,2 | 5,1 |
| Cardoso Moreira | 88,4 | 83,0 | 11,6 | 17,0 | 2,5 | 6,4 |
| Conceição de Macabu | 73,8 | 64,7 | 26,2 | 35,2 | 1,9 | 3,1 |
| Macaé | 98,1 | 97,4 | 1,9 | 2,5 | 28,2 | 50,6 |
| Quissamã | 86,3 | 83,5 | 13,7 | 16,4 | 5,6 | 7,8 |
| São Franc. de Itabapoana | 96,7 | 90,5 | 3,3 | 9,3 | 1,8 | 4,8 |
| São Fidélis | 92,7 | 86,2 | 7,3 | 13,8 | 0,9 | 1,7 |
| São João da Barra | 89,2 | 88,2 | 10,8 | 11,7 | 3,6 | 11,0 |

Fonte: Microdados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

O município de Carapebus, como já afirmado, foi o que apresentou maior percentual de saída para trabalho em 2010 (ainda na tabela 3). Campos dos

Goytacazes apresenta elevados índices de pessoas que residem e trabalham no mesmo município. Mesmo apesar de ter diminuído de 2000 para 2010, eles continuam alto. Em contrapartida, tanto os índices de entrada quanto de saída para trabalho aumentaram na década de 2000, em Campos, assim como em todos os municípios da Região Norte Fluminense. Em Conceição de Macabu, destaca-se o aumento considerável de saída para trabalho no ano de 2010, ficando atrás apenas de Carapebus com relação a esse índice.

Quissamã, São Francisco e São Fidélis também se destacam pelo crescente número de saída para trabalho na década de 2000. São Fidélis ainda apresenta o menor número de entradas para trabalho no ano de 2010. São João da Barra apresentou um salto de 363 para 1584 pessoas que entram para trabalhar. Como dito, anteriormente, este fato já pode estar refletindo os investimentos que estão sendo feitos no município, que irá receber o Complexo Industrial do Porto do Açú. Esta recepção tende a influenciar nos fluxos populacionais da região.

Podem-se destacar os diferentes setores da atividade econômica dessas pessoas que entram para trabalhar nos municípios da Região Norte Fluminense (tabela 4). Em 2000, a atividade econômica mais expressiva para os movimentos pendulares em toda região era o setor de comércio e serviços, seguindo a tendência geral. Em 2010, o setor de comércio e serviços continua em destaque, porém, a indústria extrativa ganha maior participação. Vale ressaltar que o setor de comércio e serviços sempre esteve presente em todos os municípios da região, todavia somente quem participava das atividades da indústria extrativa, em 2000, eram os municípios de Campos e Macaé, e posteriormente, em 2010, os municípios de Cardoso Moreira, Quissamã, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra.

As atividades de agropecuária e pesca sofreram uma redução no período em questão (de 743 para 565 no total). Todas as demais aumentaram seus índices, com destaque para a indústria extrativa, que passou de 3.863, em 2000, para 18.179 pessoas trabalhando nessa atividade em 2010. O setor de comércio e serviços também apresentou um grande aumento: de 8.540 para 18.845 em 2010. É possível que o desenvolvimento das atividades extrativas acabe acarretando também o desenvolvimento do setor de comércio e serviços, como a atividade petrolífera por exemplo, que gera uma grande demanda por serviços e incentivos ao comércio.

Ainda na tabela 4, observa-se que outro setor que aumentou sua participação no período foi o de saúde e serviços sociais (de 618 para 2.007). O aumento desse setor também pode ser relacionado à indústria extrativa, uma vez que com mais pessoas trabalhando na região, a demanda por serviços de saúde aumenta concomitantemente, assim como a educação e os demais serviços como um todo.

Tabela 4 – Pessoas que entram para trabalhar na Região Norte Fluminense por setores da atividade econômica agregados – 2000/2010 (Atividades da CNAE compatibilizadas)

| Municípios | Agropecuárias e Pesca | | Indústrias Extrativas | | Indústrias de Transf. | | Construção | | Comércio e Serviços | |
|-------------------|-----------------------|------------|-----------------------|---------------|-----------------------|--------------|--------------|--------------|---------------------|---------------|
| | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 |
| Carapebus | 84 | 11 | - | - | 56 | 16 | 32 | 13 | 19 | 62 |
| Campos | 232 | 175 | 475 | 1.705 | 985 | 640 | 500 | 1.115 | 2.625 | 2.720 |
| Cardoso Moreira | 18 | 30 | - | 10 | - | - | - | 14 | 18 | 70 |
| Conceição de M. | 14 | 24 | - | - | - | 21 | 4 | 43 | 61 | 141 |
| Macaé | 228 | 139 | 3.388 | 16.376 | 2.182 | 4.925 | 1.847 | 4.567 | 5.593 | 14.955 |
| Quissamã | 55 | 26 | - | 10 | 14 | 35 | 34 | 10 | 38 | 175 |
| São Francisco | 34 | 122 | - | 22 | 13 | 44 | 11 | 30 | 62 | 130 |
| São Fidélis | 28 | 5 | - | - | 11 | 36 | - | 40 | 52 | 74 |
| São João da Barra | 50 | 33 | - | 56 | 81 | 94 | 7 | 286 | 72 | 518 |
| Total | 743 | 565 | 3.863 | 18.179 | 3.342 | 5.811 | 2.435 | 6.118 | 8.540 | 18.845 |

Continua

| Municípios | Adm. Púb., Defesa e Segurança | | Educação | | Saúde e Serviços Sociais | | Outras | | Total (100%) | |
|-------------------|-------------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------------------|--------------|------------|--------------|---------------|---------------|
| | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 | 2000 | 2010 |
| Carapebus | 55 | 76 | 21 | 64 | - | 39 | - | - | 267 | 281 |
| Campos | 678 | 1.129 | 393 | 701 | 259 | 588 | 150 | 840 | 6.297 | 9.613 |
| Cardoso Moreira | 34 | 93 | 44 | 49 | - | 22 | - | 19 | 114 | 307 |
| Conceição de M. | 22 | 35 | 15 | 29 | 18 | 10 | - | - | 134 | 303 |
| Macaé | 1.225 | 2.770 | 507 | 1.569 | 255 | 977 | 411 | 5.721 | 15.636 | 52.000 |
| Quissamã | 23 | 146 | 68 | 88 | 20 | 132 | 8 | 50 | 260 | 672 |
| São Francisco | 44 | 173 | 68 | 73 | 41 | 120 | - | 38 | 273 | 752 |
| São Fidélis | 21 | 42 | 6 | 36 | 8 | 15 | - | 13 | 126 | 261 |
| São João da Barra | 22 | 284 | 115 | 162 | 17 | 104 | - | 46 | 364 | 1.583 |
| Total | 2.124 | 4.748 | 1.237 | 2.771 | 618 | 2.007 | 569 | 6.727 | 23.471 | 65.771 |

Fonte: Microdados do Censo Demográfico de 2010.

Com relação aos municípios, percebe-se que, em Macaé, a atividade predominante das pessoas que entram para trabalhar, é realmente a da Indústria Extrativa. Desde 2000, esse setor era o que mais empregava no município, e em 2010 ratificou-se essa informação, apresentando um aumento de 3.388 para 16.376 pessoas que entraram para trabalhar nessa atividade econômica. O setor de comércio e serviços também cresceu no município (5.593 para 14.955), assim como a Educação (507 para 1.569). Em contrapartida, acompanhando a tendência regional, o número de pessoas que entravam no município para trabalhar nas atividades de agropecuária e pesca foi reduzida de 228 para 139.

Em Campos, houve também um aumento considerável da indústria extrativa. Apesar de não ter sido tão grande como foi em Macaé, em Campos as cifras passaram de 475, em 2000, para 1.705 em 2010. O setor de comércio e serviços manteve, praticamente, os mesmos índices, ambos altos, com uma média de 2.670 pessoas entrando para trabalhar no município em 2000 e 2010.

Outra informação importante refere-se às origens dos movimentos pendulares, especialmente o fato de ocorrerem movimentos internos na própria região ou não. Se tomarmos os municípios com maior volume de entrada para trabalho – Macaé, Campos e São João da Barra, no ano de 2010 – podemos ter uma perspectiva das origens das pessoas que realizam movimento pendular na região para trabalhar.

Em Macaé, entravam 51.987 pessoas para trabalhar. Destas, 22% eram provenientes do município de Rio das Ostras, 13% de Campos, 6% do Rio de Janeiro e 5% de Conceição de Macabu. Rio das Ostras que, como vimos, não faz parte da Região Norte Fluminense, se divide em fornecer pessoas para trabalhar em Macaé tanto nas indústrias extrativas, quanto no setor de serviços. Campos e Rio de Janeiro fornecem mão de obra bem mais específica para trabalhar nos setores relacionados às indústrias extrativas, como petróleo e gás natural, tendo, também, grande participação no fornecimento de pessoal para o setor de serviços, porém em menor escala do que Rio das Ostras. Já, Conceição de Macabu fornece mão de obra para trabalhar em Macaé, principalmente, para o setor de serviços e, em segundo lugar, para área de construção.

Em Campos, entravam 9.615 pessoas para trabalhar. Destas, 1.230 vinham do município de São João da Barra para trabalhar em serviços (25%) e, em segundo lugar, para as áreas de comércio e administração pública, defesa e seguridade social, e também em educação. Ou seja, pode-se dizer que a atratividade que Campos exerce sobre o município de São João da Barra é nas áreas de serviços, comércio, administração pública e educação. Pouco menos de 1000 trabalhadores vinham do Rio de Janeiro. Para estes, a atratividade é na área de Indústrias extrativas, que inclui o setor de extração de petróleo e gás natural.

Em São João da Barra, 1.587 entravam para trabalhar. Essa quantidade de pessoas que para lá se deslocam ainda é pequena, se comparada aos demais municípios acima. Destes, 87% vinham de Campos para trabalhar principalmente nos setores de serviços, administração pública, defesa e segurança e construção. Este último setor tem crescido no município devido ao grande número de obras que se seguiram após o início da construção do Porto do Açú, no litoral sanjoanense, atraindo trabalhadores da construção civil, principalmente do município de Campos dos Goytacazes.

Portanto, pode-se notar que, em linhas gerais, uma parte expressiva do movimento pendular na Região Norte Fluminense refere-se a movimentos intrarregionais. Entretanto, a ideia de uma expansão urbana entre os municípios de Rio das Ostras e Macaé se confirma pela elevada mobilidade pendular do primeiro para o segundo. Além disso, é importante destacar que permanece a relação entre Macaé e o município-núcleo da metrópole Fluminense, o Rio de Janeiro, uma vez que também há uma entrada de trabalhadores da capital em Macaé.

Considerações Finais

Confirma-se, então, um aumento expressivo do movimento pendular na Região Norte Fluminense, ainda muito relacionado à dinâmica da indústria petrolífera, direcionando-se, principalmente, para o município de Macaé. O setor de indústrias extrativas, que abarca o subsetor de petróleo e gás natural, responde sozinho por cerca de 18 mil pessoas, que realizam movimento pendular em função de trabalho na região, quase semelhante ao amplo setor de comércio e serviços.

Macaé, simultaneamente à atratividade exercida para trabalho, também experimenta uma dinâmica populacional de migração e de crescimento populacional bastante acentuada. Além disso, mesmo que em patamares diferenciados, todos os municípios da região experimentaram aumento na entrada de pessoas para trabalho.

A partir deste trabalho, pretende-se alavancar outros estudos sobre a dinâmica populacional regional, a inserção da população no mercado de trabalho regional, as tendências dos movimentos pendulares para estudo, os processos de expansão urbana que alcançam a dimensão inter-regional, entre outros aspectos. Esse aumento dos movimentos pendulares regionais trazem também questões sobre a dinâmica urbana na região, e como a população é afetada pelas mudanças na economia e no mercado de trabalho. Em última instância, a questão é refletir sobre quais intervenções em termos de planejamento urbano e regional podem ser acionadas para contribuir a uma estruturação e organização do espaço de atividades favorável não apenas às grandes empresas, mas principalmente à população dessas cidades.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos. Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

CANO, Wilson. Desconcentração produtiva regional do Brasil: 1970-2005. São Paulo: UNESP, 2008.

GOLGHER, André Braz. *Fundamentos da migração*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

JARDIM, A. de P. Reflexões sobre a mobilidade pendular. In: Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Luiz Antonio Pinto de Oliveira; Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira (Orgs.). IBGE. *Estudos e Análises* nº1. 2011. pp 58-70.

MOURA, Rosa. BRANCO, Maria Luisa G. Castello. FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas. *Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos*. São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 4, p. 121-133, out./dez. 2005.

PEREIRA, Rafael Henrique Moraes, HERRERO, Verónica. *Mobilidade pendular: uma proposta teórico-metodológica*. In: IX Jornada Argentina de Estudios de Población. Huerta Grande (COR), Argentina, 2007. Texto para discussão. Rio de Janeiro: INEA, 2009.

PIQUET, Rosélia. *Petróleo, Royalties e Região*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

_____. O Norte Fluminense em Tempo Presente. In: SANTOS, A. M. S. P.; MARAFON, G. J.; SANT'ANA, M. J. G. (org). Rio de Janeiro: Um olhar socioespacial. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2010.

_____. (org). *Mar de riqueza, Terras de Contrastes*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2011.

SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil*. São Paulo: Scipicione, 1997.

SILVA, Érica Tavares. Mercado de trabalho em Municípios do Norte Fluminense: a participação de homens e mulheres. Dissertação, Escola Nacional de Ciências Estatística (ENCE/IBGE), março de 2006.

_____. Desenvolvimento Regional e Movimento Pendular: Questões Recentes no Norte Fluminense. In: Anais do Encontro da ABEP, 2008.

SILVA, Roberto Cezar Rosendo Saraiva da; CARVALHO, Ailton Mota de. “Formação econômica da Região Norte Fluminense.” In: PESSANHA, Roberto Moraes; NETO, Romeu e Silva (Orgs.). *Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo*. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC, 2004. p. 27-75.